

ESTRATÉGIAS DE UMA REENUNCIÇÃO SEMIFIEL NO COTIDIANO MIDIÁTICO

Teresinha Souto de Azevedo Campos
Mestrado/UFF
Orientadora : Patricia Ferreira Neves Ribeiro

Considerações iniciais

Ao analisar títulos oriundos da mídia impressa em relação a textos-fonte – que porventura são postes em circulação nas páginas dos jornais – verificamos a existência de alguns “problemas” ligados aos referidos ditos relatados. Esses problemas referem-se, essencialmente, à *maneira de relatar* a palavra de um outro, mais especificamente à “fidelidade” da reenunciação.

Sabemos, preliminarmente, ao estudar o contrato de informação baseado na teoria semiolinguística de Patrick Charaudeau, da existência de restrições que fazem com que a instância midiática não tenha liberdade de inventar uma história. Ao contrário, ela parte de um acontecimento bruto que o jornalista interpreta e analisa, transformando-o em acontecimento interpretado, em função de sua própria experiência, de sua própria cultura e das técnicas próprias a seu ofício.

A propósito, o jornalista-relator de um acontecimento possui uma dupla responsabilidade: relatar com fidelidade os acontecimentos – no âmbito do que se designa por visada de informação – sem prescindir, no entanto, da visada de captação, porque assim requer a instância midiática, atendendo à lógica cívica e à comercial.

Para uma análise clara do acontecimento interpretado que circula nas páginas dos jornais, é igualmente necessário, não só analisar o discurso relatado, mas também os chamados introdutores desse discurso, os verbos *dicendi*, que nos fornecem a “pista” reveladora das principais motivações ideológicas e também a intencionalidade do produtor do texto. Percebemos a voz do outro sendo introduzida por um verbo “*dicendi*” e, inserida sem neutralidade, como atestamos no seguinte exemplo do nosso *corpus*:

Texto-fonte: A presidente Dilma Roussef chamou os jornalistas ao Alvorada para dizer que o programa de governo de Marina a preocupa no que se refere à criação de

empregos e à indústria. Ela deu a entender que Marina ameaça o conteúdo nacional, uma das políticas do governo.

Texto alvo: Dima **diz** que rival ameaça indústria.

Entender a trama de um discurso reportado tanto no texto-fonte quanto no texto-alvo, conforme exemplo acima, parece-nos uma árdua tarefa conforme verificaremos a seguir. De todo modo, começar a entendê-lo a partir do funcionamento dos verbos *dicendi*, talvez seja um caminho para verificarmos alguns indícios de subjetividade por parte do produtor do texto e da ideologia subjacente ao texto.

Todas as falas que ilustram a nossa proposta de categorização dos discursos relatados introduzidos pelos verbos *dicendi*, foram extraídos do jornal *O Globo*, de divulgação nacional, e totalmente voltado para a classe média, de razoável/médio poder econômico, no período compreendido entre 31 de agosto de 2014 a 30 de outubro de 2015. A escolha deste único suporte midiático é devido ao favorecimento de análises em torno das escolhas lexicais de um veículo respeitado, que supostamente trabalha com a fidelidade das informações e, por tabela, abdica da abstração sensacionalista dos suportes midiáticos mais populares.

Como postulado teóricos utilizamos Goffmann (1974; 1980), Patrick Charaudeau (2013, 2014), e Maingueneau (1997) e Marcuschi (2007).

Discurso relatado e suas análises

Charaudeau (2013) define o discurso relatado como o ato de enunciação pelo qual um locutor relata o que foi dito por um outro locutor, dirigindo-se a um interlocutor que, em princípio, não é o interlocutor de origem. E acrescenta existir nesse processo uma restrição situacional já que o dito, o locutor e o interlocutor de origem encontram-se num espaço-tempo diferente daquele do dito relatado, do locutor-relator e do interlocutor final.

A descrição do dito relatado, segundo o mesmo autor, baseia-se em três tipos de operação: a seleção do que foi dito, a identificação dos elementos dos quais depende o que foi dito e a maneira de relatar.

A seleção pode ser total—*in extenso*--, ou, parcial, quando o dito relatado apresenta-se truncado ou em trechos, o que produz um efeito de subjetivação na medida em que apenas uma parte do dito de origem é exposto ao leitor.

A identificação dos elementos também pode ser total, parcial ou não existir. Quanto mais o locutor que relata identifica os elementos, mais ele produz um efeito de autenticidade ao que foi dito. “Estamos oferecendo a outra face”, como título do jornal *O Globo*, o locutor-

relator não identifica o locutor de origem, embora pelo contexto sócio-histórico possamos inferir quem seja o autor da declaração, e contrasta com outro título do mesmo jornal: “Marina diz que é a verdadeira renovação”, já este enunciado com identificação. Conforme atesta Charaudeau, “não identificá-lo pode produzir um efeito de incorporação do enunciado pelo jornal”(2013, p.164).

A maneira de relatar apresenta-se de diferentes formas:

- “citando”: as marcas mais usadas são os dois pontos e as aspas, mas também podem variar: só aspas ou só dois pontos, sem identificação e com dois pontos ou com identificação, aspas e dois pontos, como nos seguintes exemplos: “Aécio: “houve benefício a Dilma”(dia 09/09/14) /” Marina: PT pôs diretor para assaltar Petrobrás.”(12/09/14).
- “integrando”: parcialmente o dito de origem, na terceira pessoa, ao dizer daquele que relata, com modificações no enunciado de origem quanto aos pronomes e ao tempo verbal, como no exemplo: “Dima diz que “não tinha menor ideia” de crimes na Petrobrás”. (dia 09/09/14)
- “narratizando”: o dito de origem, de tal maneira que se integre no dito de quem relata e o locutor torna-se agente de um ato de dizer, como no exemplo: “Em São Paulo, Marina diz que vai “revisitar” fator presidencial”.

Vimos na introdução que o problema do discurso relatado era essencialmente o da fidelidade quanto à maneira de relatar o dito do outro. Apresentamos a seguir casos de interferências do locutor-relator que representam um verdadeiro problema para a instância midiática, segundo Charaudeau (2013).

- Intervenção nas palavras do enunciado de origem, operando uma transformação lexical: “**Ela deu a entender** que Marina ameaça o conteúdo nacional, uma das políticas do governo”, para: “Dilma **diz** que rival ameaça indústria”. O dito relatado transforma uma especulação modalizada através da expressão: “deu a entender”, por uma constatação afirmativa através do verbo dizer no presente, ou seja, Dilma diz que Marina ameaça indústria.
- Intervenção nas palavras da enunciação, supostamente, de origem, operando uma transformação da modalidade do dito: Dilma Rouseff **afirmou ontem** que o erro de IBGE foi “banal, de fácil detecção”(texto-fonte), para: Presidente **classifica** como ‘banal’ erro de IBGE (relatado) O dito

relatado transformou uma modalidade de tempo passado em afirmação de tempo presente.

- Intervenção na significação enunciativa da declaração de origem, transformando o dito em ação de dizer, e o locutor de origem em agente desta ação: Marina **disse** que a petista ressuscita o medo usado contra Lula em 2002, para: Marina **acusa** PT de “ressuscitar o medo (dia 04/09/14). O dito explicita o que está apenas implícito, e coloca Marina na posição de juiz que designa o outro como culpado.

- Intervenção na enunciação do próprio locutor, marcando uma certa “distância” com relação à veracidade da informação. Esse distanciamento pode ser marcado pelo uso do modo condicional e com o uso de determinados componentes introdutórios (segundo, de acordo com, acredita, etc.): Dono do Itaú: Marina seria “evolução natural.(dia 5 de setembro de 2014) / Ex presidente tenta se descolar da presidente Dilma, que ficou irritada com as críticas, segundo relato de um ministro.(23/06/15).

Conforme percebemos, em todos os exemplos oferecidos ao discurso relatado, o verbo *dicendi* está sempre presente. A atitude de que dispõe o locutor-relator para expressar a atitude de crença para com a veracidade dos fatos se reflete na escolha dos verbos que descrevem o modo de declaração—diz, declara, informa, relata, anuncia, indigna-se etc.

Verbo *dicendi* e suas análises

Segundo Rodrigues&Gavazzi (2003), por trás de uma escolha lexical, sempre se encontra uma ideologia subjacente. Isso acontece porque toda instância de comunicação midiática, no papel de atores dessa organização, contribuem para fabricar uma enunciação aparentemente unitária e homogênea do discurso midiático, uma coenunciação, cuja intencionalidade corresponde a um projeto comum a esses atores, e ao ser assumida por eles, representa a ideologia do organismo de informação.

Algumas vezes essa escolha lexical passa a uma dimensão que ultrapassa os limites do dizer, conforme ilustramos a seguir:

Texto-fonte reportado dia 29/09/2014 a respeito de declaração dos primeiros escândalos da Petrobrás feita pela presidente-candidata Dilma Rouseff:

Afirmou, ainda, que o papel da imprensa ‘não é investigar, e sim divulgar informações’, **ignorando** escândalos denunciados após investigação da mídia.

Portanto, ao utilizar “ignorando”, o relator-jornal desqualifica a declaração proferida pela presidente e introduzida pelo verbo *dicendi* “afirmar, a partir dos valores compartilhados pelo grupo social ao qual o jornal e o público pertencem. Isso acontece pelo fato de que para que a comunicação se torne eficiente seja necessário que todos os sujeitos tenham um saber partilhado. Na realidade, ao escrever um texto, imagina-se um leitor virtual para o qual se escreve (tu destinatário), instituído pelo comunicante (Charaudeau, 2014). Da mesma forma, ao se ler, percorre-se o caminho inverso realizado pelo produtor do texto, na compreensão de implícitos e intencionalidade textual.

A opção que o enunciador faz por determinados verbos *dicendi*, em detrimento de outros, determinaria a imagem que ele quer passar de si próprio e de seus leitores em um contrato social (Goffmann, 1980). Deste modo, o enunciador poderá valorizar positiva e negativamente a face de seu interlocutor, se resguardar quando for conveniente e até polemizar situações introduzindo verbos *dicendi* que disparem o confronto entre dois polos antagônicos. Assim, percebemos, nas matérias a seguir, a transparência desses confrontos:

a) matéria referente aos “escândalos em série” – slogan criado pelo jornal *O Globo* no ano de 2015 em alusão às delações dos supostos esquemas do governo – ou seja, matéria referente a quem delata ou investiga:

“Requerimentos suspeitos partiram de Cunha”, **conclui** Procuradoria. (17/07/15)

b) Matéria sobre quem é objeto de investigação:

A defesa **alega** que o petista, condenado no mensalão, ‘não aguenta mais’ o ‘suplício’ por medo de nova prisão. (16/07/15). Referindo-se à Dirceu.

João Rodrigues **alega** que estava deletando imagens e diz que elas foram enviadas por amigos, numa ‘brincadeira’ interna’. Referindo-se ao deputado flagrado vendo pornografia em celular. (29/05/15)

Mainueneau (1997) sugere uma proposta de categorização que classifica os verbos *dicendi* em descritivos e avaliativos e são ampliados por Rodrigues&Gavazzi no quesito orientação argumentativa, qual sejam:

1-Verbos descritivos:

a) Os que estabelecem o discurso relatado na cronologia discursiva Ex.: continuar complementar, acrescentar, prosseguir, completar, concluir, finalizar, encerrar, arrematar, classificar¹, etc.

“Requerimentos suspeitos partiram de Cunha”, **concluiu** Procuradoria. (17/07/15)

Presidente **classifica** como “banal” erro de IBGE. (22/09/14)

b) Os que indicam o tipo de discurso do interlocutor ou modo de realização fônica do enunciado. Ex.: perguntar, responder, enumerar, definir, descrever, gritar, murmurar, indagar, etc.

Dilma **respondeu** que, de uma certa forma, outros presidentes passaram por esse processo – “Collor foi tirado. O Itamar não me lembro, acho que não. Vira e mexe tem essa.”(25/05/15)

2-Verbos avaliativos. Estariam mais ligados à credibilidade e à legitimidade do redator da matéria em relação ao seu entrevistado. É ele quem traduz as intenções do interlocutor, segundo o grupo que ele representa, pela ótica do jornal *O Globo*. A intencionalidade é revelada em cinco categorias:

a) Efeito de imparcialidade. É considerado um verbo mais neutro e surte apenas um efeito de imparcialidade. Ex.: dizer, falar, declarar, opinar, afirmar, comentar, citar, etc. É importante ressaltar, nesta categoria, que o verbo dizer está implícito em todos os verbos *dicendi*.

Lindbergh **afirma** que peemedebistas fazem chantagem com Dilma. (24/05/15)

Aécio **diz** que não “tapa o sol com a peneira.”(15/09/14)

b) Valorização Negativa. O jornalista ou o veículo midiático não legitima o discurso do entrevistado e até o desqualifica de acordo com o contexto. Ex.: jurar, imaginar, garantir, acreditar, eximir-se, sonhar, tentar, justificar, choramingar, desconversar, ignorar, alegar², etc.

¹ Classificar está inserido na classificação dos verbos descritivos, mas pode apresentar-se como avaliativo. No exemplo dada acima, colocamos em questão essa hipótese, visto que, ao classificar, o jornal *O Globo* sugere que a presidente não apenas situa-se na cronologia do discurso, mas também realiza uma avaliação do erro do IBGE, segundo a escolha lexical do discurso reportado.

² O “dizer” está implícito em todos os verbos *dicendi*, como foi dito anteriormente. Assim, ao verbo alegar, subentende-se “disse alegando”; e, ao verbo ignorar, subentende-se “afirmou ignorando”.

João Rodrigues **alega** que estava deletando imagens e diz que elas foram enviadas por amigos, numa ‘brincadeira interna’. Título: Deputado é flagrado vendo pornografia em celular. (29/05/15)

c) Valorização Positiva. O discurso é enaltecido, considerado relevante e são atribuídos àqueles que estão em situação superior. Ex.: aconselhar, explicar, pontificar, analisar, diagnosticar, ensinar, ponderar, teorizar, divulgar, anunciar, argumentar, revelar, relatar, etc.

Presidente **anuncia** projeto para que cidadão tenha um só documento: – “quem não sonha sair de casa carregando um só documento em vez de andar com vários deles?” Dilma Rousseff. (29/05/15)

Delator **relata** R\$ 4 milhões de propina a Dirceu. (15/07/15)

d) Polemização. Os verbos *dicendi* são utilizados nesse caso, para marcar focos de discussão, e “apimentar”, o embate verbal. Ex.: ironizar, devolver, atacar, disparar, alfinetar, culpar, gozar, cutucar, discordar, reagir, contestar, rebater, etc.

“Ex-senadora foi leviana”, **reage** Dilma. (12/09/14)

Marina **acusou** PT e \PSDB de se unirem como “um batalhão de Golias contra Davi”, para atacar sua imagem. (12/09/14)

e) Solidariedade. O jornalista sensibiliza-se com o problema e utiliza os verbos *dicendi* solicitando implicitamente o engajamento do leitor. Ex.: desabafar, queixar-se, indignar-se, lamentar, pedir, lembrar, apelar³, etc.

Dirceu **apela** a Moro e diz que não vai fugir. (16/07/15)

³ Muitas vezes, um mesmo verbo pode ser usado com sentido irônico em um contexto, o que caracteriza a valorização negativa e adquirir diferente valor semântico em outro. É a microestrutura seguindo parâmetros da macroestrutura (Charaudeau,2014). No exemplo acima, podemos notar que o verbo apelar pode servir a duas interpretações, já que, no mesmo discurso, o incluímos na valorização negativa com o verbo alegar: “A defesa alegou que o petista vive “suplício” por medo de nova prisão”.

Analisando o corpus

Texto retextualizado do pronunciamento de Dilma Roussef e publicado pelo jornal <i>O GLOBO</i> dia 14 de outubro de 2015	Texto Retextualizado do texto-fonte, transformado em manchete, primeira página, caderno 1
Sem citar nomes, disse que lutará e não deixará prosperar a “obsessão dos inconformados” com a derrota nas urnas, que voltou a chamar de golpistas. E provocou : “Quem tem força moral para atacar minha honra”? Ela defendeu seu mandato e disse ainda que a “sociedade conhece os chamados moralistas sem moral”.	Dilma reage e ataca ‘moralistas sem moral’

Para situar historicamente o enunciado analisado ao contexto político da época, é necessário esclarecer que após a aguerrida eleição de 2014 para Presidente da República – primeiro turno e segundo turno – a Presidente Dilma Roussef foi reeleita pelo Partido dos Trabalhadores (PT) vencendo o senador mineiro Aécio Neves do Partido Social Democrata Brasileiro (PSDB) com 51,64 % contra 48,36% de votos. Essa eleição foi marcada por ter sido uma das eleições presidenciais mais acirradas da história do país, até então, e pela morte de Eduardo Campos, que era candidato do PSB, em um acidente aéreo, no dia 13 de agosto de 2014, fazendo com que fosse substituído por Marina Silva, do mesmo partido, que ficou em terceiro lugar na disputa eleitoral.

O título em questão está posicionado na primeira página do Jornal O Globo, caderno-capá, em evidência como primeira notícia, destacada ao centro, com letras garrafais e em negrito, logo abaixo do nome do jornal, indicando ser a notícia mais importante do dia – a aposta da melhor informação. Essa notícia polêmica que tem como manchete-título **Dilma reage e ataca ‘moralistas sem moral’**, expressa um dos discursos mais contundentes do governo de Dilma Roussef, incluindo o primeiro mandato. Considerado um contra-ataque, a presidente estava, de fato, em um embate pessoal contra opositores patrocinados por Eduardo Cunha, então presidente da Câmara, que exigiam seu emblemático impeachment.

Nesse pronunciamento, realizado durante a abertura do 12º Congresso da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Dilma Rousseff insurgiu-se contra os que queriam interromper seu mandato, expôs o artificialismo do impeachment e insistiu que a briga não era com a pessoa dela, mas com o que ela representa: “as conquistas do governo Lula”. Além disso, lembrou que o “terceiro turno” começou no dia seguinte à sua eleição e introduziu sua fala com o que deu margem para figurar no título, com relativa adulteração: “A sociedade brasileira conhece os chamados moralistas sem moral. E conhece porque o meu governo e o governo do presidente Lula proporcionou o mais enfático combate à corrupção de nossa história.”⁴

Dilma reage e ataca ‘moralistas sem moral’.

O texto em questão exemplifica apenas o fragmento de um pronunciamento desdobrado em três camadas: a) o pronunciamento da presidente Dilma Rousseff no congresso da CUT; b) o relato do jornalista acerca do dito pronunciado; c) o fragmento selecionado pelo jornalista para figurar como título. Essa superposição confere ao discurso original uma enorme distância e quase anonimidade, conforme atesta Marcuschi (2007, p, 167), enfraquecendo a opinião original.

Temos portanto, dois textos retextualizados pelo Jornal *O Globo*: um texto-fonte e uma manchete. Embora o texto-fonte aproxime-se mais do conteúdo original (pronunciamento), ainda assim, continua sendo um discurso interpretado e filtrado pela instância midiática. Trata-se de uma complexidade enunciativa da qual o trabalho não escapa, uma vez que analisa-se uma enunciação que se forma a partir de outra, inserida em notícias que se formam a partir de outros pronunciamentos.

Percebemos que o título em questão, também a “linha fina” – que antecipa informações gerais do dito ou fato – e até o resumido “*lide*” (do inglês, lead, “conduzir”): primeiro parágrafo da notícia, traz as informações essenciais ao entendimento do dito – estão permeados pelas expressões mais polêmicas e emblemáticas inseridas no pronunciamento de Dilma ao congresso da CUT. Assim encontramos: “moralistas sem moral”, “golpismo escancarado”, “obsessão dos inconformados”, sem a menor possibilidade de acesso ao pronunciamento original integral. E o que é pior: o título está abreviado e formulado em um contexto de oposições. Ou seja, montado a partir de diversas posições conflituosas, o que conduz a manipulação sutil do leitor menos atento a ter a mesma interpretação dada pelo jornal.

⁴ <https://youtu.be/UAWkdQaTDLs>

Isso posto, passaremos à análise propriamente dita de certas estratégias de que o jornalista-reenunciador dispõe ao pinçar fragmentos, que fora do contexto ganham outro sentido do dito original, e assim, montam subjetivamente seus pontos de vista a respeito dos ditos relatados, concordando ou discordando do enunciador. Deste modo, a configuração formal do enunciado **Dilma reage e ataca ‘moralistas sem moral’**, se dá pelo discurso híbrido, pela supressão de partes do enunciado como “os chamados”, pelo emprego de aspas e pelo emprego dos verbos introdutórios “reagir” e “atacar”. Analisaremos, então, o enunciado destacado por partes.

Em **Dilma reage e ataca ‘moralistas sem moral’**, o discurso adquire a forma híbrida, já que atrelou-se palavras do discurso citado ao discurso indireto. Temos então, o procedimento mais freqüente na imprensa, qual seja: o discurso indireto deslizado para o discurso direto. O fragmento com aspas ‘moralistas sem moral’, está perfeitamente integrado a sintaxe e recebe o nome de ilha textual ou ilha enunciativa. No discurso indireto, o enunciador citante possui uma infinidade de maneiras para traduzir as falas citadas, “pois não são as palavras exatas que são reproduzidas, e sim, o conteúdo do pensamento” (MAINGUENEAU, 2008, p, 149). Nesse caso, o jornalista além de utilizar o discurso indireto, ainda acrescentou alguns fragmentos da fala original, criando um efeito de autenticidade.

No entanto, neste caso, percebemos que o reenunciador, ao usar as aspas simples em ‘moralistas sem moral’ faz uso de dois critérios: primeiro, o jornalista deseja transferir a responsabilidade de seu emprego a outra pessoa, e segundo, o jornalista recusa-se a avalizar por ser uma expressão altamente polêmica e predisposta a suscitar diferentes interpretações.

Para Bakhtin (2004), as palavras ou expressões integradas no discurso indireto e colocadas entre aspas, sofrem um “estranhamento” (pegando o termo emprestado dos formalistas), que se dá na direção conveniente às necessidades do reenunciador: “elas adquirem relevo, sua “coloração” se destaca mais claramente, mas ao mesmo tempo elas se acomodam aos matizes da atitude do autor – sua ironia, humor, etc.”(op.cit. p. 163)

Talvez, se colocasse a expressão exata do conteúdo original com a modalização autonímica “os chamados”, o enunciado, em questão, não resultaria em uma adulteração de sentidos tão maliciosamente camuflada. À vista disso ficaria assim: **Dilma reage e ataca os chamados ‘moralistas sem moral’**.

Temos, então, a primeira operação de retextualização configurada pela supressão da expressão “os chamados”. Trata-se da omissão de uma modalização autonímica que se caracteriza por englobar “o conjunto dos procedimentos por meio dos quais o enunciador

desdobra, de uma certa maneira, seu discurso para comentar sua fala enquanto está sendo produzida”(MAINGUENEAU, 2008, p. 158). No enunciado original, “A sociedade brasileira conhece os chamados moralistas sem moral. E conhece porque o meu governo e o governo do presidente Lula proporcionou o mais enfático combate à corrupção de nossa história”, Dilma Roussef comenta sua própria fala, produzindo uma espécie de enlaçamento⁵ na enunciação. Dito de outro modo, o enunciador-Dilma alude a um outro discurso dentro de seu próprio discurso, como se invocasse a memória dos ouvintes-leitores da eterna retórica muito comum à demagogia de alguns políticos. Seria o mesmo que “os denominados”.

Nesse momento, faz-se necessário analisar a escolha dos verbos *dicendi* “reagir” e “atacar” que também orientam uma interpretação premida pela valoração negativa, polemização, retomadas opositivas, organizadoras dos aspectos conflituosos. Consideramos que a opinião do jornalista é introduzida por tais verbos mencionados, que por sua vez, antecipam o caráter geral da opinião relatada. Além disso, a análise dos verbos *dicendi* articula com a análise realizada do fenômeno da retextualização que afeta às substituições e as supressões já citadas anteriormente.

Primeiramente, procuramos dar o sentido de língua “dicionarizado” aos dois verbos selecionados pelo enunciador-jornal “reagir” e “atacar” para figurarem como resultado de uma paráfrase do pronunciamento ou mesmo uma síntese interpretativa do que julgou ser a melhor informação. Ou seja, um pronunciamento que durou cerca de 35 minutos, o jornal, salvaguardado pela legítima economia própria da imprensa, abreviou o discurso e o sintetizou com dois verbos *dicendi* polêmicos e de valorização negativa, segundo os critérios atestados por Maingueneau (1997), “reagir” e “atacar” registrando, de maneira flagrante, um outro modo de significar.

Seguindo a orientação dada por Aurélio (2005), o verbo reagir, em seu sentido de língua, e quanto à modalidade de oferecer oposição, significa recusar-se, opor-se, protestar, resistir, lutar, enfrentar. Já o verbo atacar nos apresenta duas modalidades: ofender, que significa desacatar, destratar, maltratar, afrontar, ofender, insultar, e, manifestar-se contra, que significa reprovar, criticar, censurar, condenar, acusar, desaprovar, hostilizar e combater. Percebemos notoriamente que o reenunciador não poupou a entrevistada das im procedentes e infundadas interpretações e também não contemporizou seu discurso com as habituais estratégias utilizadas pelo sistema midiático, qual seja o de se resguardar por detrás da suposta reprodução da fala, utilizando um fragmento e não outro, por exemplo. Definitivamente,

⁵ Termo utilizado por Authier-Revuz (1995) em sua obra de dois volumes dedicada à modalização autonímica.

vemos, nesse enunciado, um exemplo raro de interpretação explícita ancorada no comentário abreviado que está subjacente à seleção dos verbos *dicendi*.

Percebemos, outrossim, que os verbos “reagir” e “atacar” estão distribuídos pelo mesmo campo semântico, e, este fato consolida a posição da entrevistada que o enunciador-jornal quer destacar ou a temática do texto que deseja ressaltar. Assim, na atual crise política do país e na antevéspera de um impeachment que já estava sendo desenhado no cenário político de 2016, vale salientar a categorização postulada por Maingueneau (1997) quanto aos verbos avaliativos com efeito de valorização negativa, que não legitimam o discurso e até o desqualificam de acordo com o contexto.

Nessa direção, entendemos que os verbos avaliativos estão mais ligados à credibilidade e à legitimidade do redator da matéria em relação ao dito do outro, pois é ele quem traduz as intenções dos leitores (TUi), segundo o grupo que ele representa, pela ótica do jornal. A intencionalidade, nesse caso foi revelada pela categoria semântica de polemização e valorização negativa.

Ademais, de acordo com o título, quando **Dilma** (aqui fala a identidade discursiva Dilma Rousseff prestes a perder a legitimidade de presidenta) **reage e ataca os moralistas sem moral**, ela está atacando a oposição de maneira generalizada, sem critérios e sem blindagem. Os moralistas sem moral são representados por todos os partidos que não façam parte dos partidos dos trabalhadores e por toda uma legião de cidadãos que estão na linha do meio, ainda sem posição pré-estabelecida, porque na verdade não compreendem o redemoinho de informações conflituosas que se acumulam cotidianamente.

Arrematando o exposto, todos esses componentes que, no conjunto, enfraquecem a posição do enunciador do discurso citado, assumem funções que nem sempre estão fazendo justiça à opinião original do autor, “pois podem “costurar” um texto com retalhos de vários aspectos por vezes díspares. Podem montar um texto muito interessante, mas fictício, se comparando com aquilo que o autor realmente disse” (MARCUSCHI, 2007, p. 165). A própria seleção verbal acrescida da omissão do sintagma “os chamados”, por si só, corroboram com essa interpretação.

Considerações finais

Para propor um caminho de interpretação de manchetes narrativas reenunciadas em *O Globo*, relacionamos, neste trabalho em curso, a Teoria Semiolinguística da Análise do Discurso a aspectos teóricos referentes ao fenômeno da intertextualidade. Selecionamos um

corpus sobredeterminado pelo contrato de comunicação midiático, aquele segundo o qual o jornalista-enunciador marca sua presença, mais especificamente, na retextualização do texto/título escolhido. Ao pressupor seu destinatário, leva em consideração toda situação comunicativa. O possível leitor, por sua vez, tenta compreender a configuração verbal e seus elementos inteligíveis e, a seguir, interpreta o conjunto com base em inferências: seja dos implícitos ligados aos valores ideológicos do sistema jornalístico, seja da intenção latente por parte do sujeito comunicante.

Nessa perspectiva, analisamos a construção dos sentidos que emergem desses enunciados retextualizados, bem como a “fidelidade” dessa reenunciação no domínio midiático. Para tanto, nos debruçamos sobre as estratégias de reenunciação mobilizadas para atingir as visada de informação e de incitação sobre o interlocutor.

A análise nos mostrou, então, que as atividades de retextualização, como a supressão e a seleção de verbos e de determinados fragmentos produzem efeitos de sentido diferentes dos pretendidos inicialmente segundo a fala da personagem entrevistada.

Perceber, afinal, esses conflitos nas teias discursivas das falas reportadas dos políticos focalizados por *O Globo* é um dos possíveis caminhos de entender a complexa realidade política do Brasil.

Ademais, pretendemos, modestamente, que os títulos sejam fatores desencadeantes de interesse em prosseguir a leitura, pesquisar em algum outro nível materiais ligados às pessoas e informações presentes, e perscrutar às estratégias com um viés investigativo assaz oportuno para futuros debates e reflexões de cunho social e político.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. *Ces mots qui ne vont pás de soi*, Boucles réflexives et non-coïncidences Du dire, 2 volumes, Paris, Larousse, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec (original russo de 1929), 1986, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*: São Paulo: Contexto, 2013.

..... *Linguagem e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2014.

GOFFMAN, Erving. *A elaboração da face*. Uma análise dos elementos na interação social. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (Org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1997.

..... *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2004.

-----*Fenômenos da Linguagem: reflexões semânticas ediscursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GAVAZZI, Sigrid. RODRIGUES, Tânia Maria. Verbos *dicendi* na mídia impressa: categorização e papel social. In: PAULIUKONIS & GAVAZZI, (orgs) *Texto e Discurso: Mídia, Literatura e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.